

A
ARTE^{de} PEDIR

AMANDA PALMER

A
ARTE de PEDIR

Prefácio de
BRENÉ BROWN

Tradução de
DENISE BOTTMANN



Copyright © 2014 Amanda Palmer

Nomes e características que identificariam certas pessoas foram modificados neste livro.

TÍTULO ORIGINAL

The Art of Asking, or How I Learned to Stop Worrying
and Let People Help

PREPARAÇÃO

Luara França

REVISÃO

Anna Beatriz Seilhe

Lúsa Ulhoa

Marcela de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P198a

Palmer, Amanda, 1976-

A arte de pedir / Amanda Palmer ; tradução Denise

Bottmann. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

304 p.: il.; 23 cm.

Tradução de: The art of asking, or How I Learned to Stop
Worrying and Let People Help

ISBN 978-85-8057-689-4

1. Música. 2. Arte. I. Título.

15-19476

CDD: 780

CDU: 78

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

ESTE LIVRO É DEDICADO A MINHA MUTTI,
que, com o seu amor, foi a primeira pessoa que me ensinou a pedir

Prefácio

por Brené Brown

Cerca de dez anos atrás, em Boston, Amanda se apresentava na rua como estátua viva — mais exatamente, uma estátua de noiva com 2,5 metros de altura e o rosto pintado de branco. A distância, era possível ver um transeunte que parava, punha dinheiro no chapéu na frente da caixa e então sorria quando Amanda fitava amorosamente os olhos daquela pessoa e lhe estendia uma flor do buquê que tinha nas mãos. Seria mais difícil me ver. Eu era aquela que fazia o maior desvio possível para evitar a estátua viva. Não que eu não deixe a minha cota de dólares nos chapéus dos artistas de rua — deixo, sim. Só que gosto de ficar a uma distância segura, e aí, da maneira mais discreta possível, ponho o dinheiro e volto depressa ao anonimato. Eu faria de tudo para evitar contato visual com uma estátua. Não queria uma flor; queria passar despercebida.

A distância, Amanda Palmer e eu não temos nada em comum. Enquanto ela se atira sobre a multidão num show em Berlim, sem nada no corpo a não ser o ukulele vermelho e os coturnos, ou conspira para subverter a indústria fonográfica, estou cumprindo minha vez no rodízio do carro, compilando dados ou, se for domingo, talvez assistindo à missa na igreja.

Mas este livro não trata de ver as pessoas a uma distância segura — aquele lugar sedutor em que muitos de nós vivemos, nos escondemos e para o qual corremos em busca do que pensamos ser segurança emocional. *A arte de pedir* é um livro sobre o cultivo da confiança e da maior proximidade possível com o amor, a vulnerabilidade e a conexão. Uma proximidade incômoda. Perigosa. Bela. E a proximidade incômoda é exatamente onde precisamos ficar se quisermos transformar essa cultura de afastamento e desconfiança fundamental.

A distância é enganadora. Distorce como vemos a nós mesmos e entendemos uns aos outros. São pouquíssimos os escritores capazes de nos despertar para essa realidade tanto quanto Amanda. Sua vida e carreira são um estudo da intimidade e da conexão. Ela tem como laboratório o caso de amor com sua arte, com sua comunidade e com as pessoas com quem compartilha a vida.

Passei a maior parte da vida tentando ficar a uma distância segura de qualquer coisa que parecesse incerta e qualquer pessoa que pudesse me ferir. Porém, como Amanda, aprendi que a melhor maneira de encontrar a luz nas trevas não é afastando as pessoas, mas caindo nos braços delas.

Afinal, Amanda e eu não somos nada diferentes. Não se você olhar de perto — o que, em última instância, é o único olhar que importa quando se trata de conexão.

Família, pesquisa, igreja — são os lugares na minha vida aos quais me entrego sem reservas e onde me sinto conectada. São os lugares aos quais me dirijo para ter os recursos de que preciso: amor, conexão e fé. E agora, graças a Amanda, quando estou cansada, com medo ou precisando de alguma coisa das comunidades de que participo, eu peço. Não sou muito boa nisso, mas peço. E sabem do que eu mais gosto na Amanda? A honestidade. Ela também nem sempre é muito boa em pedir. Debate-se como nós. E é quando ela conta sobre suas dificuldades de vir à frente e se mostrar vulnerável que enxergo de modo mais claro a mim mesma, a minha luta e a nossa humanidade em comum.

Este livro é um presente que nos é oferecido por uma artista sem inibições, uma pioneira corajosa, uma batalhadora incansável — uma mulher que tem a capacidade duramente conquistada e cuidadosamente afinada de enxergar as partes da nossa humanidade que mais precisam ser vistas. Aceitem a flor.

A
ARTE de PEDIR



ALGUÉM TEM UM ABSORVENTE? ACABEI DE FICAR MENSTRUADA,
Anuncio em voz alta a ninguém em particular no banheiro feminino de um restaurante em São Francisco, ou a quem estiver no camarim de um festival de música em Praga, ou ao pessoal entretido na cozinha de uma festa em Sydney, Munique ou Cincinnati.

Invariavelmente, no mundo todo, ouço e vejo mãos femininas remexendo em bolsas e mochilas, até o momento triunfal em que uma desconhecida, com um sorriso gentil, me estende um absorvente. Ninguém fala em dinheiro. O acordo tácito universal é o seguinte:

Hoje é a minha vez de pegar o absorvente.

Amanhã será a sua.

Existe um círculo cármico constante de absorventes. Descobri que existe também com lenços de papel, cigarros e canetas.

Muitas vezes me perguntei: será que existem mulheres tímidas *DEMAIS* para pedir? Mulheres que preferem enrolar um monte de papel higiênico e enfiar na calcinha, em vez de pedir um favor num lugar cheio de desconhecidas? Devem existir. Mas não eu. De jeito nenhum. Não tenho o menor medo de pedir. De pedir nada.

Sou *DESCARADA*.

Eu acho.

• • •

Estou com 38 anos. Criei minha primeira banda, The Dresden Dolls, aos 25 e só lancei meu primeiro disco por uma grande gravadora aos 28, que é, na indústria fonográfica convencional, uma idade geriátrica para começar a carreira.

Nos últimos treze anos, tenho viajado muito, raras vezes dormindo mais de duas ou três noites no mesmo lugar, tocando sem parar, em praticamente todas as situações possíveis e imagináveis. Bares, boates, teatros, estádios, festivais, do CBGB em Nova York ao Sydney Opera House. Toquei sessões inteiras com a orquestra mundialmente famosa da minha cidade no Boston Symphony Hall. Conheci e fiz algumas turnês com os meus ídolos: Cyndi Lauper, Trent Reznor do Nine Inch Nails,

David Bowie, “Weird Al” Yankovic, o Peter do Peter, Paul and Mary. Compus, toquei e cantei centenas de músicas em estúdios de gravação pelo mundo inteiro.

Fico feliz por ter começado tarde. Deu tempo de levar uma vida de verdade, e passei uns bons anos dando um jeito de arranjar dinheiro para pagar o aluguel todo mês. Desde o final da adolescência até os vinte e poucos anos trabalhei em dezenas de coisas, mas principalmente como estátua viva: uma artista de rua parada no meio da calçada, vestida de noiva e com a cara pintada de branco. (Você já viu gente-estátua como nós, não é? Provavelmente fica imaginando quem somos na Vida Real. Olá. Somos Reais.)

Ser estátua era um trabalho no qual eu encarnava a mais pura manifestação física do pedir: passei cinco anos empoleirada numa pilha de engradados de leite, imóvel, com um chapéu no chão, esperando que as pessoas deixassem um dólar em troca de um instante de conexão humana.

Mas também me dediquei a outras formas inspiradoras de emprego com vinte e poucos anos: fui balconista, recebendo 9,50 dólares a hora (mais gorjetas) para servir sorvete e café; massagista terapêutica sem registro, trabalhando no meu alojamento na faculdade (sem finais felizes, 35 dólares a hora); consultora de nomes e marcas para empresas de internet (2 mil dólares a lista de nomes de domínio livre); escritora e diretora de peças de teatro (em geral, sem remuneração; normalmente, na verdade, eu mesma tirava dinheiro do bolso para comprar roupas e acessórios); garçonne num bar alemão ao ar livre (uns 75 marcos por noite, mais gorjetas); vendedora de roupas que comprava em brechós, reciclava e revendia no campus da universidade (dava para fazer 50 dólares por dia); ajudante numa oficina de molduras de quadros (14 dólares a hora); atriz em filmes experimentais (paga com pizza, vinho e alegria); modelo nua para aulas de desenho e pintura em escolas de arte (12 a 18 dólares a hora); organizadora e *hostess* de mostras alternativas apenas com peças doadas (pagamento suficiente para cobrir as despesas com as bebidas e o espaço do evento); pessoa responsável por conferir a roupa dos convidados em festas clandestinas de fetichismo sexual (100 dólares por festa) e, por intermédio desse serviço, auxiliar de costura num fabricante de algemas de couro sob encomenda (20 dólares a hora); stripper (cerca de 50 dólares a hora, mas na verdade dependia da noite); e — por pouco tempo — dominatrix (350 dólares a hora; mas havia, claro, despesas indispensáveis com roupas e acessórios).

Todas essas atividades me ensinaram várias coisas sobre a vulnerabilidade humana.

Acima de tudo, aprendi muito sobre o pedir.

Quase todos os contatos humanos importantes se resumem ao gesto e à arte de pedir.

Pedir é, em si, o elemento fundamental de qualquer relação. Constantemente e em geral de maneira indireta, muitas vezes sem falar, *pedimos* uns aos outros — aos chefes, aos cônjuges, aos amigos, aos funcionários — a fim de construir e manter as relações entre nós.

Você me ajuda?

Posso confiar em você?

Você vai me ferrar?

Posso meeesmo confiar em você?

E muitas vezes, por baixo disso tudo, essas perguntas derivam de nosso anseio humano, fundamental, em querer saber:

Você me ama?

• • •

Em 2012, fui convidada para me apresentar num TED Talk, o que era assustador; não sou palestrante profissional. Tendo lutado — muito publicamente — para me livrar do contrato com uma grande gravadora, alguns anos antes, eu havia então decidido que recorreria aos fãs para fazer meu próximo álbum pelo Kickstarter, uma plataforma de *crowdfunding* que acabara de abrir portas para milhares de outros artistas bancarem suas obras com o financiamento direto de seus apoiadores. Os financiadores do meu Kickstarter contribuíram coletivamente com 1,2 milhão de dólares para encomendar e receber meu último álbum com banda completa, *Theatre Is Evil*, que assim se tornou o maior projeto musical na história do *crowdfunding*.

Crowdfunding, para quem não conhece, é uma maneira de arrecadar fundos para iniciativas de risco (artísticas, tecnológicas, pessoais etc.) pedindo para o povo (*Crowd*) contribuir numa grande vaquinha virtual (*Funding*). Por todo o mundo apareceram sites como o Kickstarter, o Indiegogo e o GoFundMe, para facilitar o contato e dar a maior praticidade possível ao intercâmbio entre os que pedem ajuda e os que atendem ao pedido.

Como qualquer nova ferramenta de transações, porém, o *crowdfunding* ficou complicado. Virou um Velho Oeste on-line, onde artistas e criadores dos mais variados tipos tentam navegar nessas novas águas estranhas de trocar dinheiro por arte. A própria existência do *crowdfunding* apresenta a todos nós um leque de perguntas mais profundas:

Como pedimos ajuda uns aos outros?

Quando podemos pedir?

Quem pode pedir?

Meu Kickstarter foi um tremendo sucesso: meus financiadores — quase 25 mil pessoas — vinham seguindo minha história pessoal fazia anos. Ficaram empolgados em poder ajudar e incentivar minha independência frente às gravadoras. Mas, além dos telefonemas aflitos de jornalistas que nunca tinham ouvido falar de mim (o que não admira, pois eu jamais recebera uma única linha na *Rolling Stone*), perguntando por que todo aquele povo estava me ajudando, fiquei surpresa com algumas das reações negativas a esse sucesso. Ao lançar minha campanha, acabei entrando num debate cultural mais amplo que já vinha se arrastando e questionava se o *crowdfunding* era sequer admissível; alguns críticos estavam desdenhando a prática como uma forma grosseira de “mendigar na rede”.

Pelo jeito, era feio pedir. Fui apontada como o pior exemplo por uma série de razões: porque eu já havia sido promovida por uma grande gravadora, porque eu era casada com um cara famoso, porque eu era exageradamente narcisista.

Nos meses que se seguiram ao meu Kickstarter, as coisas foram de mal a pior quando saí com minha banda em turnê pelo mundo e, como de hábito, chamei os músicos locais voluntários que quisessem subir com a gente ao palco para tocar algumas músicas. Éramos uma comunidade unida, e eu vinha fazendo coisas assim havia anos. A imprensa me crucificou.

Por causa do sucesso no *crowdfunding*, mais a atenção que isso atraiu, o TED convidou a mim — uma roqueira indie relativamente desconhecida — para falar durante doze minutos num estúdio que costuma ser reservado a altos cientistas, inventores e educadores. A perspectiva de tentar bolar o que e como dizer claramente foi, em termos brandos, apavorante.

Pensei em compor uma ópera performática de doze minutos, com piano e ukulê, dramatizando minha vida inteira desde O Ventre até O Kickstarter. Felizmente mudei de ideia e optei por uma apresentação direta da minha experiência como artista de rua, meu sucesso no *crowdfunding* e a reação subsequente, e como eu via uma ligação inegável entre as duas coisas.

Enquanto escrevia meu TED Talk, eu tinha em mente uma parcela muito precisa do meu círculo social: amigos músicos tímidos e desajeitados. Muitos deles estavam se entusiasmando com o *crowdfunding*, mas também andavam bastante aflitos. Eu tinha ajudado vários deles a iniciar suas campanhas no Kickstarter, e conversávamos sobre essas experiências em bares, festas e camarins antes dos shows. Eu queria tratar de um tema fundamental que vinha me incomodando: *dizer aos meus amigos artistas que tudo bem pedir. Tudo bem pedir dinheiro, tudo bem pedir ajuda.*

Vários amigos meus já tinham recorrido com sucesso ao *crowdfunding* para viabilizar novos projetos: álbuns, filmes, instrumentos mais modernos, barcos para festas

flutuantes feitos de lixo reciclado — coisas que nunca existiriam sem essa nova maneira de compartilhar e trocar energias. Mas muitos também não estavam à vontade com isso. E eu observava.

Cada campanha de *crowdfunding* na internet apresenta um vídeo, no qual o criador explica o projeto e faz seu apelo. E eu ficava consternada em ver o desfile de vídeos em que meus amigos olhavam (ou evitavam olhar) a câmera, gaguejando: *Bom, he, he, hora de FICAR SEM GRAÇA! Olá, pessoal, hum, então tá. Ai, meu deus. Mil desculpas por estar pedindo, é superconstrangedor, mas... por favor, ajudem a gente a financiar nosso álbum, porque...*

Eu queria dizer a eles que se envergonhar e se desculpar não só era *desnecessário*, como também *contraproducente*.

Queria dizer que, na verdade, muita gente *adorava de paixão* ajudar artistas. Que não era uma coisa unilateral. Que os artistas profissionais e o público que os apoia são duas partes fundamentais num ecossistema complexo. Que a vergonha polui um ambiente de pedir/dar que prospera na base da confiança e da disponibilidade. Queria conseguir oferecer a eles uma espécie de permissão cósmica, universal, para pararem de se desculpar tanto, pararem de se martirizar, pararem de se justificar e, pelo amor de deus... só PEDIREM.

• • •

Levei mais de um mês me preparando, andando de um lado para o outro no porão de uma casa alugada e mostrando meu roteiro do TED Talk a dezenas de parentes e amigos, tentando condensar em doze minutos tudo o que eu tinha a dizer. Então peguei um avião até Long Beach, na Califórnia, respirei fundo, fiz a apresentação e fui aplaudida de pé. Saindo do palco, alguns minutos depois uma mulher apareceu no saguão do centro de conferências e se apresentou.

Eu ainda estava meio atordoada. A fala tinha demandado muito espaço mental na hora da apresentação, e finalmente eu voltava a mim mesma.

Sou a preparadora de voz daqui, começou ela.

Travei. A minha fala devia ter doze minutos exatos. Fiz algumas pausas, me perdi e devo ter passado bastante dos treze minutos. *Putz*, pensei. *O TED vai me demitir*. Quer dizer, não podiam de fato me *demitir*. A coisa já estava feita. Mas, ainda assim... Apertei a mão dela.

Oi! Puxa, mil desculpas por ter estourado tanto o tempo. Me desculpe mesmo. Fiquei totalmente absorvida. Mas foi tudo bem? Fiz o TED direito? Estou demitida?

Não, sua boba, não está demitida. De jeito nenhum. Sua fala... E não conseguiu continuar. Os olhos ficaram marejados.

Fiquei ali, atônita. Por que a preparadora de voz do TED parecia que ia chorar na minha frente?

O que você falou me fez entender uma coisa com que venho me debatendo há anos. Também sou artista, dramaturga. Tem tanta gente disposta a me ajudar, e só preciso... mas não posso... não consigo...

Pedir?

Exato. Pedir. Tão simples. Sua fala mexeu numa coisa muito profunda para mim. Puxa, por que a gente acha tão difícil pedir, principalmente quando os outros estão tão dispostos a dar? Então, obrigada. Superobrigada. Foi um presente que você me deu.

Dei um abraço nela.

E ela foi apenas a primeira.

Dois dias depois, a palestra foi postada no site do TED e no YouTube. Teve cem mil visitas no primeiro dia. E aí um milhão. Um ano depois, oito milhões. Não era a quantidade de visitas que me espantava: eram as histórias que vinham junto, em comentários on-line ou de pessoas que me paravam na rua e me pediam um minuto, não porque conhecessem minha música, mas porque me reconheciam do vídeo na internet.

Enfermeiras, editores de jornais, engenheiros químicos, professores de ioga, motoristas de caminhão que se sentiram como se eu estivesse falando diretamente com eles. Arquitetos, coordenadores de ONGs, fotógrafos *freelancers* que me diziam: “Sempre tive dificuldade em pedir.” E foram muitos e muitos que me seguraram, me abraçaram, me agradeceram, choraram.

Minha fala tinha repercutido muito além do público pretendido, os tímidos roqueiros indie que achavam impossível pedir 5 dólares no Kickstarter sem se enfiar num buraco no chão de vergonha.

Eu segurava a mão de todos, ouvia suas histórias. Pequenos empresários, projetistas de painéis solares, bibliotecários de escola, cerimonialistas de casamentos, pessoal de entidades de assistência internacional...

Uma coisa estava clara: aquele povo não era composto de músicos com medo. Era só... um monte de gente.

Pelo visto, eu tinha tocado num ponto sensível. Mas QUAL, exatamente?

Não tinha nenhuma boa resposta, até que me lembrei da casa de Neil, na véspera da nossa festa de casamento.

• • •

Alguns anos antes disso tudo, conheci Neil Gaiman.

Neil é famoso, para um escritor. É famoso por qualquer critério.

Passamos anos caçando um ao outro nas nossas andanças pelo mundo, nas brechas das nossas agendas, eu na Estrada Sem Fim do Rock and Roll, ele na estrada paralela do Escritor em Turnê, apaixonando-nos na diagonal e em velocidades variáveis, até que finalmente nos casamos na sala de estar dos nossos amigos, pois não tínhamos como lidar com o estresse de uma cerimônia enorme.

Mas não queríamos fazer desfeita com as nossas famílias, e assim prometemos que daríamos uma grande festa oficial de casamento para eles alguns meses depois. Decidimos fazer no Reino Unido, onde mora a maioria dos nossos parentes. (Neil é britânico e muitos primos meus também.) Além disso, o cenário era fabuloso: Neil tinha uma casa numa ilha pequenina na Escócia, onde, por coincidência, minha avó materna nasceu. Era um rochedo com grama entortada pelos ventos, um lugar lindo, mas desolado, de onde meus antepassados foram expulsos pelo terror da fome no começo dos anos 1900, procurando no outro lado do Atlântico um futuro mais luminoso, menos lindo, mas menos desolado, nos promissores arredores do Bronx.

Na véspera da festa de casamento, Neil e eu fomos dormir cedo para ter uma noite inteira de sono, antes de um dia que seria uma epopeia cuidando dos preparativos, comendo, bebendo, apresentando com algum nervosismo duzentos parentes uns aos outros. Os três filhos crescidos de Neil estavam hospedados na casa conosco, junto com a mãe dele e uma variedade de integrantes da família Gaiman. Todos estavam aconchegados nas suas camas ao longo do corredor, pelas escadas, e alguns primos desgarrados estavam enfiados em barracas no quintal.

E no segundo andar da casa, enquanto Neil dormia ao meu lado, eu passava por um ataque de pânico total.

Em algum lugar lá no fundo, imagino que estava apavorada por casar, e ponto. A coisa parecia de repente muito concreta, com toda a família em volta. O que eu estava fazendo? Quem *era* aquele cara?

Mas, acima de tudo, eu estava apavorada com a questão do dinheiro.

Estava prestes a lançar meu Kickstarter e achava que conseguiria arrecadar bastante — tinha feito todas as contas —, mas não estava em turnê, estava no norte da Escócia dando uma festa de casamento, montando um grupo novo, sem receber nada. Tinha acabado de conversar com meu contador, que me informou que o dinheiro não ia dar para pagar o pessoal administrativo, a banda, a equipe da turnê e cobrir as despesas mensais normais, a não ser que eu largasse tudo e voltasse imediatamente para a estrada — ou pegasse um empréstimo para cobrir o rombo por alguns meses, antes que chegassem os cheques do Kickstarter e da nova turnê.

A situação não era inédita. Para o constante desalento dos meus empresários, passei a maior parte da vida adulta investindo todos os lucros profissionais no próximo álbum ou projeto artístico, tão logo pagasse as despesas. Durante minha carreira de

roqueira, fui rica, pobre e remediada... e nunca prestei muita atenção ao fluxo de caixa, desde que não ficasse totalmente dura, o que às vezes acontecia por causa de algum imposto imprevisto ou do fracasso inesperado de uma turnê. E nunca foi o fim do mundo: eu pegava dinheiro emprestado com amigos ou parentes para aquele aperto e devolvia assim que chegasse o cheque seguinte.

Eu era especialista em me equilibrar nessa corda e em pedir ajuda quando precisava; longe de sentir vergonha, eu me orgulhava do meu histórico impecável nessas operações de crédito entre os conhecidos. Outra coisa que me consolava era saber que muitos amigos músicos (e, aliás, amigos empresários também) passavam por ciclos semelhantes de banquetes e migalhas. Em suma, sempre deu certo.

Só que, dessa vez, o problema era diferente. Era que *Neil* queria me emprestar o dinheiro.

E eu não queria aceitar.

Éramos *casados*.

E ainda assim eu não podia aceitar.

Todo mundo achava estranho que eu não aceitasse.

Mas *ainda assim* eu não podia aceitar.

Fazia mais de dez anos que eu ganhava meu salário como musicista profissional, tinha meu escritório e meus próprios funcionários em tempo integral, pagava minhas contas, era capaz de honrar meus compromissos sozinha e sempre fui financeiramente independente de qualquer pessoa com quem estivesse dormindo. Além disso, eu era reconhecida como um ícone feminista que não se depilava, uma Rainha do Faça Você Mesmo, aquela que largou clamorosamente sua gravadora e começou a própria empresa. A ideia de me *verem* aceitando ajuda do marido era... de arrepiar. Mas eu superava isso usando o humor. Neil geralmente pagava a conta nos restaurantes caros e a gente levava numa boa.

Por mim está ótimo, eu brincava. *Você tem mais dinheiro*.

E aí, na manhã seguinte, eu fazia questão de pagar o café da manhã e a corrida de táxi até o aeroporto. Era enormemente reconfortante saber que, mesmo que dividíssemos aqui e ali algumas despesas, eu não *precisava* do dinheiro dele.

Eu sabia que aquele rombo não era grande; sabia que meu novo álbum gigantesco bancado pelo *crowdfunding* estava para sair; sabia que logo retomaria minhas turnês: portanto, tudo indicava que aquele cara legal — com quem eu estava casada — podia me emprestar o dinheiro. E não tinha nada de mais.

Mas. Simplesmente. Não. Dava.

Eu havia conversado com Alina e Josh sobre o assunto, no café da manhã, algumas semanas antes da festa. Eram amigos muito chegados mesmo, meus colegas do ensino médio, fui padrinho de casamento deles (e nosso amigo Eugene foi a madri-

nha), e fazia anos que partilhávamos nossos dramas pessoais, geralmente quando eu pernoitava nos sofás cada vez mais chiques dos apartamentos deles, conforme iam se mudando do Hoboken para o Brooklyn e depois para Manhattan. A gente estava se revezando com Zoe, a filhinha recém-nascida dos dois, brincando com ela no colo. Eu tinha acabado de lhes dizer que não queria usar nenhum tostão de Neil para cobrir as despesas que iam aparecer, e os dois me olhavam como se eu fosse uma idiota.

Mas que coisa mais esquisita, disse Alina, que é compositora e escritora publicada. Minha situação não era desconhecida a ela. *Vocês são casados.*

E daí?, resmunguei. *Não me sinto à vontade pra fazer isso. Sei lá. Talvez seja medo de que meus amigos me critiquem.*

Mas, Amanda... nós somos seus amigos, frisou Alina, e **nós** achamos que você está doida.

Josh, professor titular de filosofia numa faculdade, assentiu e então me olhou franzindo as sobrancelhas bem do jeito dele.

Quanto tempo você acha que vai ficar assim? A vida toda? Tipo, vão ficar cinquenta anos casados, mas nunca vão misturar o dinheiro que ganham?

Fiquei sem resposta.

• • •

Neil não era de impor condições nem de fazer cobranças, mas meu maior medo era ficar de certa forma em dívida, em obrigação com ele.

Era um sentimento novo, esse pânico — ou melhor, velho: eu não me sentia apavorada assim desde a adolescência, quando enfrentava crises existenciais constantes. Mas agora em minha cabeça giravam tantas perguntas: *Mas como vou pegar dinheiro de Neil? O que os outros vão pensar? Ele vai ficar cobrando? Será que adio esse álbum por mais um ano e saio em turnê? E o que faço com a banda que acabei de contratar? E o pessoal que trabalha comigo? Como vão encarar? Por que não consigo lidar com isso numa boa? **Por que estou surtando?***

Saí da cama depois de uma noite me revirando e me afligindo. Fui até o banheiro e acendi a luz.

Qual é o seu PROBLEMA?, perguntei àquela figura que me encarava do espelho, de olho inchado, nariz escorrendo, cara alucinada.

Sei lá, respondeu ela. *Mas não é legal.* Comecei a ficar assustada. O que estava acontecendo comigo? Eu tinha enlouquecido?

Eram seis da manhã, o sol começava a nascer e os carneiros baliem em tom melancólico. Tínhamos que estar de pé às oito e ir para a festa de casamento.

Voltei para a cama e me aninhei no peito de Neil, que dormia profundamente e roncava. Olhei para ele. Nossa, como eu amava aquele cara. Estávamos juntos havia mais de dois anos e eu tinha aprendido a confiar 100% nele — confiar que ele não me magoaria, não me julgaria. Mas ainda havia alguma coisa trancada, uma porta que devia se abrir, mas emperrava. Virei para o outro lado da cama e tentei dormir, mas o turbilhão na cabeça não parou. *Você precisa aceitar a ajuda dele. Você não pode aceitar a ajuda dele. Você precisa aceitar a ajuda dele.* E então comecei a gritar, me sentindo totalmente idiota e descontrolada. Acho que estava cansada de chorar sozinha e queria falar.

Meu bem, qual o problema?

Ele é britânico. Me chama de *meu bem* [*darling*].

Eu... eu tô apavorada.

Dá pra ver. É a história do dinheiro?

Ele me abraçou. Respondi, fungando:

Não sei o que fazer nesses próximos meses. Se não consigo pagar todo mundo agora, acho que eu devia adiar o álbum. Passo o próximo ano em turnê e esqueço o Kickstarter até... Sei lá, talvez eu consiga pegar dinheiro emprestado de outra pessoa para atravessar esses próximos meses... quem sabe eu...

Ele me interrompeu com suavidade:

Por que outra pessoa? Amanda... somos casados.

E daí?

Então aceite o fato e pegue emprestado de mim. Ou PEGUE de mim. Pra que mais a gente se casou? Você faria a mesma coisa se eu estivesse num aperto. Não faria?

Claro que faria.

Então, o que está ACONTECENDO? Prefiro que você me deixe cobrir suas contas por uns meses a ver você nesse estado, está ficando perturbador. É só PEDIR. Eu me casei com você. Eu amo você. Quero AJUDAR. Você não me deixa ajudar.

Desculpa. É que é tão estranho... já lidei com essas merdas tantas vezes e nunca fiquei desse jeito. É louco. Me sinto louca. Neil, estou louca?

Não, meu bem, não está louca, não.

Ele me abraçou de novo. Mas eu *me sentia* louca. Não conseguia me livrar daquele pensamento que enervava, martelava, reverberava na cabeça como um enigma impiedoso, uma charada de lógica insolúvel que eu não conseguia esquecer nem resolver.

Eu era uma mulher adulta, pelo amor de Deus.

Uma mulher que passou anos aceitando dinheiro de gente aleatória na rua.

Que pregava abertamente o evangelho da vaquinha coletiva, da comunidade, do auxílio, do pedido e da generosidade gratuita e prazerosa.

Que era capaz de pedir a qualquer desconhecida — numa valente e sonora risada — um absorvente.

Por que não conseguia pedir ajuda ao meu marido?

• • •

Todos os dias, a gente pede pequenas coisas uns aos outros. Uma moeda para facilitar o troco. Uma cadeira desocupada num café. Um isqueiro. Uma carona. E todos nós, em algum momento, temos que pedir coisas mais difíceis. Uma promoção. Uma apresentação a um amigo. Um prefácio para um livro. Um empréstimo. Um exame de DST. Um rim.

Se a repercussão surpreendente do meu TED Talk me ensinou alguma coisa, foi o seguinte:

Todo mundo tem problemas em pedir.

Pelo que vi, não é tanto o ato de pedir que trava a gente. É o que está por trás: o medo de ser vulnerável, o medo de ser rejeitado, o medo de parecer fraco ou carente. O medo de ser visto como um estorvo, e não como agente ativo da comunidade.

Isso leva essencialmente ao distanciamento entre as pessoas.

A cultura americana, em especial, incute na gente a estranha ideia de que pedir ajuda equivale a reconhecer o fracasso. Mas algumas das pessoas mais poderosas, mais admiradas, de mais sucesso no mundo me parecem ter algo em comum: elas pedem constantemente, de maneira criativa, compassiva, educada.

Claro que, quando a gente pede, sempre existe a possibilidade de receber um *não* como resposta. Se não levarmos isso em conta, não estaremos realmente pedindo: estaremos ou implorando ou exigindo. Mas é por causa do medo desse *não* que muitos ficam de boca calada.

Muitas vezes, o que nos imobiliza é a própria sensação de que não merecemos ajuda. Nas artes, no trabalho, nos relacionamentos, muitas vezes a gente resiste em pedir não só por medo da recusa, mas também porque nem sequer achamos que *merecemos* o que estamos pedindo. Temos que acreditar sinceramente na validade do que pedimos — o que pode dar muito trabalho e requer a habilidade de andar numa corda bamba estendida sobre o abismo da arrogância e da soberba. E, mesmo depois de encontrado esse equilíbrio, o *jeito* de pedir e de receber a resposta — admitindo e até acolhendo o *não* — é tão importante quanto o sentimento de validação.

Quando a gente examina a gênese das grandes obras de arte, dos novos empreendimentos de sucesso, das mudanças políticas revolucionárias, sempre é possível identificar uma história de trocas monetárias e não monetárias, de mecenas ocultos e favores subjacentes. Podemos achar maravilhoso o mito moderno de Steve Jobs se

matando de trabalhar na garagem dos pais para criar o primeiro computador da Apple, mas essa imagem não mostra a cena talvez constrangedora em que Steve — provavelmente durante um jantar macrobiótico com carne de soja — teve que *pedir a garagem aos pais*. A única coisa que sabemos é que eles concordaram. E agora temos iPhones. Todo artista e todo empresário que conheço tem alguma história de um mentor, de um mestre ou um patrono desconhecido que emprestou dinheiro, espaço ou qualquer recurso salvador. O que fosse preciso.

Não creio que eu tenha aperfeiçoado a arte de pedir, longe disso, mas agora posso ver que faz um tempo enorme que sou aprendiz inconsciente dessa arte — e que viagem mais estranha e longa isso tem sido.

O percurso começou a sério no dia em que me pinteí de branco, pus um vestido de casamento, respirei fundo e, segurando um buquê de flores, subi num engradado de leite no centro da praça Harvard.